

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Aline de Oliveira Vasques

A produção do conhecimento sobre gênero na Educação Física escolar

Brasília
2018

Aline de Oliveira Vasques

A produção do conhecimento sobre gênero na Educação Física escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Área de habilitação: Licenciatura em Educação Física

Orientador: Dulce Maria Filgueira de Almeida

Brasília
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Inserir aqui a ficha gerada a partir do Sistema de Geração Automática de Fichas Catalográficas, disponível pela Biblioteca da UnB, após a defesa do TCC

Aline de Oliveira Vasques

A produção do conhecimento sobre gênero na Educação Física escolar

Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida

Profa. Ms. Letícia Rodrigues Teixeira e Silva

Profa. Ms. Ana Amélia Neri Oliveira

DEDICATÓRIA

À minha mãe, a Marielle Franco e a todas as mulheres, que fazem de sua existência uma resistência diária e que lutam por igualdade, por direitos e por dignidade.

“Nossa voz, muitas vezes silenciada, terá de ser ouvida.”

Marielle Franco

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio de algumas pessoas, que contribuíram cada qual a sua maneira para que esse estudo fosse concluído.

Agradeço primeiramente a minha mãe, por ser exemplo de mulher forte e por sempre ter me incentivado a continuar, por ter sempre acreditado que eu conseguiria concluir. A caminhada foi longa, mas você me ajudou a ter forças para superar cada obstáculo. Obrigada pelos esforços e por nunca ter desistido. Sempre fui motivada a estudar, o que contribuiu muito para que eu escolhesse trilhar esse caminho de aprofundamento nos estudos e a busca para melhorar de vida. Essa vitória é nossa.

Agradeço a minha família por todo apoio, amor e carinho. Sabemos que a jornada educacional começa em casa e sou muito grata a toda dedicação e confiança. Obrigada pelas palavras de incentivo e por confiar tanto no meu potencial. Sem vocês nada seria possível.

À Marcela, que sempre se colocou disponível para ajudar no que fosse preciso durante essa caminhada. Obrigada pelo amor e paciência! Obrigada pela parceria, amizade e dedicação. Seria mais difícil sem você.

Agradeço as minhas amigas e meus amigos por apoiarem minhas escolhas e por compreenderem minhas ausências. Obrigada pelas palavras de incentivo e pela presença que sempre fortalece a alma. Obrigada principalmente por lembrar que essa fase acaba.

Agradeço ao Femivinho por ser fonte de força, de inspiração e de acolhimento. Por ser esperança, resistência e luta. Obrigada por ser terreno de incentivo ao bem-estar feminino. Juntas somos mais fortes. Esse trabalho é para nós.

Aos colegas de faculdade. Por todos os momentos incríveis e difíceis que passamos juntos. Obrigada pelas melhores aulas práticas, pelos almoços com filas eternas, por reclamarem comigo de tantos trabalhos e provas. Vocês foram luz em muitos momentos e me salvaram várias vezes.

Agradeço especialmente a professora doutora Dulce. Obrigada por aceitar esse desafio. Obrigada por sempre estar disponível e se mostrar sempre tão disposta a resolver os problemas, pelas palavras de carinho e pela dedicação em

sempre sanar minhas dúvidas e dividir sua experiência. Esse processo foi mais leve ao seu lado.

A todos os professores que direta ou indiretamente contribuem para nossa formação acadêmica e profissional. Aos funcionários da FEF que sempre estão dispostos a nos ajudar, que sempre nos tratam com carinho e prontidão.

À Universidade de Brasília.

RESUMO

Neste estudo investigamos o conhecimento científico produzido sobre o gênero na Educação Física escolar. O objetivo foi analisar os artigos acadêmicos a respeito desta temática. Para isso, foram usados como fonte de análise dois periódicos científicos: Movimento e a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). A metodologia selecionada foi a pesquisa documental. Os resultados foram classificados a partir da divisão do campo da Educação Física em três subáreas: biodinâmica, sociocultural e pedagógica. Identificamos que mais de 70% da produção analisada fazem parte da subárea sociocultural e abordam a temática de diversos pontos de vista.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Produção acadêmica; Educação Física; Escola.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 A construção do objeto: de onde parte a construção das feminilidades e masculinidades.....	11
1.1 Inquietações acerca da categoria gênero nas aulas de educação física	16
CAPÍTULO 2 Aspectos metodológicos da pesquisa	20
CAPÍTULO 3 Corpo, gênero e o campo da Educação Física escolar	24
3.1 A produção acadêmica sobre gênero na Educação Física escolar e suas relações com as subáreas da Educação Física	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por objetivo geral analisar a produção do conhecimento no campo de conhecimento e intervenção pedagógica da Educação Física, considerando a temática gênero na educação física escolar. Utilizaremos como recorte temporal, o período de 2010 a 2018, considerando periódicos da Educação Física. Especificamente, pretende-se identificar as autoras/autores e suas relações epistêmicas com a área da Educação Física (sociocultural, pedagógica e biodinâmicas), bem como verificar em que abordagens da temática gênero nas aulas de Educação Física as autoras/autores se situam.

O estudo de questões que envolvem o gênero, principalmente durante o processo de ensino escolar, tem sido cada vez mais frequente e debatido na sociedade. Em virtude da importância do tema para o desenvolvimento humano, é preciso que a academia promova o debate para tal temática, ainda que acompanhada por diversas polêmicas e opiniões contraditórias, a fim de influenciar positivamente a formação de cidadãos e incentivar o respeito aos direitos humanos e seus valores, evitando preconceitos ou discriminações.

Historicamente, homens e mulheres têm exercido papéis diferentes em diversos setores da sociedade. As mulheres têm exercido funções ditas secundárias em relação a aquelas exercidas pelos homens. Essas atribuições são constituídas culturalmente e historicamente, mudando de acordo com o tempo e com a sociedade. Por muitos séculos, o papel da mulher foi muito reduzido e generalizado: a função da mulher era tomar conta dos filhos e da casa enquanto o marido saía para trabalhar fora. Esses padrões começam a ser construídos desde que o bebê está na barriga da mãe, quando a família começa a criar expectativas de comportamento de acordo com o sexo do bebê. É importante aqui definir que falamos de uma sociedade moderna, urbano-industrial e ocidental.

Mais importante, porém, é o fato de que, pensadas como biológicas e, portanto, como “naturais”, as diferenças entre os sexos têm servido de pretexto para se edificar e legitimar relações desiguais entre homens e mulheres, historicamente caracterizadas por uma situação de subordinação das mulheres. Padrões de comportamento são ensinados pelo pai, mãe, família, sociedade, mídia, dentre outros. A família e escola tem papel importantíssimo na construção e/ou reprodução desses papéis de gênero. Quando falamos de relações de gênero, estamos falando de poder. Cria-se a criança de acordo com o que a sociedade espera de pessoas

daquele sexo. À medida que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal.

A questão de gênero na Educação Física ainda é um assunto polêmico e controverso, Torrão Filho (2005) ressalta ainda a urgência acerca da presença da história feminina em um campo de estudo que envolva a evolução do feminismo para as mulheres e que trate de questões como o gênero, por meio da política e da história social e humana, permitindo a análise dos fatores que levaram ao distanciamento, preconceito e criação de barreiras quanto à inclusão do público feminino em determinadas áreas da sociedade moderna.

Esse estudo visa verificar o que as áreas da biodinâmica, sociocultural e pedagógica tem produzido sobre gênero na Educação Física escolar. Quantos artigos foram produzidos sobre o tema no espaço temporal de 2010 – 2018. Cabe nos perguntar: de que forma o termo gênero é interpelado por essas subáreas? Essa também é uma questão que nos provocou a elaborar este artigo. Procuraremos identificar como o gênero na Educação Física escolar foi abordado em artigos científicos nesse período. Para isso, as produções acadêmicas escolhidas para análise serão os artigos publicados nos periódicos Movimento e Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE).

CAPÍTULO 1 A construção do objeto: de onde parte a construção das feminilidades e masculinidades

Entender a construção cultural do corpo é determinante para analisarmos as construções sociais e os padrões heterocisnormativos que se estabelecem sobre as relações entre homens e mulheres. Padrões normativos são aqueles que são modelos dentro de uma determinada coletividade. A sociedade em que estamos inseridos hoje tem como padrão de relacionamento as relações heterossexuais, formadas por duas pessoas de sexo diferentes. Da mesma forma somos uma sociedade onde as pessoas cisgêneras (cis gênero é o termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu "gênero de nascença") são tidas como um padrão comum, geralmente aceito ou produzido pela maior parte da sociedade.

A existência corporal é requisito para uma existência social (LE BRETON, 2006). Não existe existência sociais sem a existência materializada, que é o corpo. Corpo esse que é moldado por vivências, por influencias e pelas relações sociais que são estabelecidas a partir dele.

A relação do ser com o seu corpo ultrapassa a esfera biológica, considerando-se com Mauss (2003) que na configuração do ser total, aspectos biológicos/fisiológicos, psicológicos e socioculturais se fazem presentes no ser humano. O corpo vai muito além de músculos, hormônios e genes. Ele é dotado de características culturais específicas e multifacetadas, socialmente influenciadas e construídas.

O corpo é resultado de uma construção contínua e minuciosa. Cada cultura molda aquilo que deseja, que se espera e o que é adequado ou inadequado. A concepção dos corpos de homens e mulheres acontece de maneira distinta e isso tem consequência direta na inserção de ambos dentro da sociedade, assim como na interação social.

O meio ambiente é o meio em que o indivíduo vive, o que está a sua volta e envolve dimensões físicas, sociais, culturais, econômicas e políticas. Na Sociologia, a interação social é um conceito que determina as relações sociais desenvolvidas pelos indivíduos e grupos sociais. Trata-se de uma condição indispensável para o desenvolvimento e constituição das sociedades. Por meio dos processos interativos, o ser humano se transforma num sujeito social. Nesse âmbito, as relações de

gênero se estruturam na nossa sociedade por meio de uma perspectiva biologicista que se fundamenta na diferença sexual (biológica), diferença essa que tem sido utilizada para justificar e determinar condições desiguais entre homens e mulheres e que tem consequências no modo como as sociedades se organizam e na forma com que os seres se enxergam. O primeiro estudioso a mencionar e a conceituar gênero foi Robert Stoller (1968).

O “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que insistiam no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, deixando evidente que a construção social do gênero é muito mais complexa do que simplesmente uma classificação binária das pessoas em mulheres ou homens. Segundo Abreu & Andrade (2010) o conceito de gênero surgiu no final da década de 1960 com os movimentos femininos, de cunho político social. O termo tem como referência um conjunto de qualidades, identidades, comportamentos e papéis atribuídos a homens e mulheres de forma diferentes. Através desses papéis, podemos compreender que as relações de gênero são determinadas pelo contexto político, cultural, econômico e histórico.

Na década de 1960, gênero era um conceito utilizado em oposição a ideia das diferenças sexuais baseadas no sexo (anatomia e fisiologia humana), sendo utilizado para designar aquilo que era socialmente construído.

Numa perspectiva epistemológica distinta, porém igualmente importante para a compreensão do conceito de gênero, Butler (2003), considera que gênero possui distintos significados aos corpos e produz, por meio da encenação constante de seus sentidos em nossos cotidianos, corpos bissexuados.

O corpo não deve ser visto com detentor de uma essência natural imutável, mas como a consequência de um arranjo contínuo entre biologia e cultura, entre a matéria e o meio, uma modificando a outra constantemente e continuamente de forma que seria praticamente impossível fragmentá-lo ou separá-lo. Sem um olhar cultural temos apenas ossos, órgãos e um grande mutuo de células que talvez nem chamássemos de corpo. No entanto “... não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados corporais...” (BUTLER, 2003).

A terminologia gênero era muito usada para mostrar o poder e a hierarquia do homem perante a sociedade e a família. Scott (1995) ainda define gênero como “um

elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”, e também como “uma forma primeira de significar as relações de poder”.

As preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise só apareceram no final do século XX. Elas estão ausentes na maior parte das teorias sociais formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. Para Scott (1995) o termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens.

Torrão Filho (2005) afirma que como categoria de análise, o gênero tem o potencial de propor à sociedade uma transformação de paradigmas obtidos por meio do conhecimento tradicional, não somente construindo novos temas e aprendizado, mas por meio da imposição de um reexame crítico das premissas já existentes acerca dos critérios de trabalho científicos utilizados.

De acordo com Pedro (2015) Stoller (1968) utilizou o termo “gender” em oposição ao termo “sex” no livro “Sex and Gender”, no qual discutia transexuais e intersexuais. Para o autor, “sexo” era anatomia genital e “gênero” era o sentimento de ser homem ou o sentimento de ser mulher. A categoria gênero utilizada por Stoller foi retomada por Scott (1990) que a colocou dentro das relações de poder. Scott conclui que gênero é uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentro de uma maneira de pensar engessada e dual. Ou seja, o gênero é uma forma de organização das diferenças sexuais, portanto constituídas por relações sociais, sendo essas constituídas por relações de poder.

[...] tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 1990, p. 14).

O conceito de gênero diz sobre as representações culturais e sociais que são construídas sobre o pilar das diferenças biológicas do sexo, ligado à construção do que é masculino e feminino e tem consequências no lugar que homens e mulheres ocupam na sociedade (SCOTT, 1990). Gênero serve, dessa forma, para

determinar tudo que é social, cultural e historicamente definido. É mutável, pois está em constante processo de ressignificação devido às interações concretas entre indivíduos do sexo feminino e masculino.

Anjos (2000) afirma que a ideia de gênero é compreendida por meio das relações que são estabelecidas por meio da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos.

A construção dos gêneros se dá através da dinâmica das relações sociais. Os seres humanos só se constroem como tal em relação com os outros. Saffioti (1992) considera que não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia.

É de extrema importância compreender de que maneira a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a “superioridade” dos homens, assim como dos brancos, dos heterossexuais, dos ricos. (SAFFIOTI, 1992).

As diferenças biológicas entre pessoas do sexo masculino e feminino são evidentes, mas as diferenças sociais e culturais entre os dois sexos podem ser complexas. Diferentemente das características sexuais, que são praticamente imutáveis, as características de gênero podem variar muito de sociedade a sociedade e isso tem um motivo: há uma manifestação social da identidade de gênero de acordo com as expectativas culturais e sociais e por isso essas características podem variar tanto.

A partir do momento que nascemos somos educados e educadas de maneira diferentes: assim que descoberto nosso sexo (por possuir pênis ou vagina), há uma porção de pedagogias e processos de aprendizagem intencionais, ou não, que estimulam na nossa produção como menina ou como menino. Essa característica biológica (ser homem ou mulher), que é definido a partir da nossa genitália, influencia diretamente as ações que acontecerão ao longo de nossa existência, desde a decoração do quarto do bebê, a escolha de suas roupas e brinquedos e principalmente o que se espera do seu comportamento e convívio dentro da sociedade.



Fonte: Laerte (Google Imagens, 2017)

A definição do sexo influencia diretamente como se darão as experiências como ser social, os tipos de estímulo que serão dados para cada indivíduo e como ocorrerá a socialização daquele novo ser que nasce. Aprenderemos que existem padrões de comportamentos diferentes para ambos os sexos e até gestos e atitudes que são compatíveis ou incompatíveis com o nosso sexo. Nossa identidade de gênero é socialmente formada a partir dessa definição do sexo, sendo masculina se for um menino e feminina se for uma menina.

Aqui podemos ressaltar a diferença entre sexo e gênero, determinante para entender nossa construção como sociedade. Enquanto sexo é o termo que serve para descrever as características anatômicas e fisiológicas que diferem homens e mulheres, gênero é identificar-se como masculino e feminino. Não é algo natural que nasce com a gente e sim uma construção social e cultural e envolve processos que marcam os sujeitos a partir daquilo que se identifica como masculino ou feminino em cada cultura. É importante lembrar que o que definimos como masculino ou feminino pode mudar drasticamente quando se olha para grupos culturais diferentes.

Do mesmo modo podemos pensar que não existe a categoria homem e a categoria mulher isoladamente. Os sujeitos são homens e mulheres plurais porque são de diferentes etnias, classes sociais, religiões, idades etc. Um homem negro, jovem, atlético, gay e pobre apresenta, em seu corpo, marcas muito distintas, por exemplo, de um homem branco, rico, evangélico, heterossexual e deficiente físico. (GOELLNER, 2010, p. 76)

Você já se questionou porque existem cores consideradas “de meninas” e outras “de meninos”? Por que na seção de brinquedos das lojas os produtos são

divididos em “para meninos” e “para meninas”? Ou por que, em nossa sociedade, há tanto interesse em saber o sexo do bebê de uma mulher que está grávida?

Quando pensamos em analisar a diferença entre homens e mulheres na sociedade é importante ter em mente que o corpo é educado através de um processo contínuo e detalhista e que o que caracterizamos como homem e mulher é um padrão socialmente construído. Ao pensarmos que o gênero é uma construção social a partir do sexo, é importante entender que o que se indica como feminino e masculino também é construído e não existe naturalmente.

Essa maneira de olhar para o corpo implica entendê-lo não apenas como um dado natural e biológico, mas, sobretudo, como produto de um intrínseco inter-relacionamento entre natureza e cultura. Em outras palavras: o corpo não é algo que está dado a priori. Ele resulta de uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc. (GOELLNER, 2010, p. 73).

Nesse sentido, quero chamar a atenção para a necessidade de refletirmos e problematizarmos esses padrões. A partir do momento que entendemos que a feminilidade e masculinidade são construções sociais, é importante pensar nas consequências dessa separação na nossa sociedade. Há uma hierarquização quando pensamos nos dois padrões, homens e mulheres ocupam locais diferentes socialmente. Durante décadas olhamos a mulher em termos de trabalho e maternidade, ocorrendo uma aceitação desta última como sendo o destino da mulher, onde a sequência "namorar-casar-ter filhos" foi pouco ou nada questionada. Enquanto isso os homens desempenhavam diversos papéis, ocupando variados postos de trabalhos, cargos políticos e tendo papel de protagonista na nossa história.

Hoje em dia nos encontramos em um momento de transição. Os velhos padrões de comportamento estão sendo cada vez mais questionados, mas ainda é importante ter ciência que há um longo caminho de desconstrução e reconstrução para seguir.

1.1 Inquietações acerca da categoria gênero nas aulas de educação física

Visando igualar métodos e acesso educacionais para homens e mulheres, foram criadas as escolas mistas em 1920. Contudo, a relação estabelecida, de superioridade dos homens frente às mulheres continua até os dias atuais, já que muitos/as professores/as fazem uso de práticas que deixam transparecer, os estereótipos e os preconceitos de gênero.

A coeducação entre os gêneros ou aulas mistas com meninos e meninas, propõem a oportunidade de igualdade entre os gêneros. Porém segundo Corsino e Auad (2012, p. 43) "(...) a própria Educação Física Escolar não é capaz de promover a coeducação exclusivamente com aulas mistas, sem que exista um conjunto de ações mais amplo e sistematizado na direção da igualdade de gênero".

A controvérsia entre fragilidade e brutalidade e associação com os papéis socialmente definidos para meninas e meninos se faz presente nas aulas de educação física e são de algum modo reproduzido por meio dos valores sociais que a escola "ensina".

Apesar dos corpos masculinos e femininos se constituírem nas mais variadas instâncias escolares, parece que é na educação física que essa distinção é salientada repetidamente. Pois ainda hoje, a partir de uma hierarquia das aptidões físicas aceitas socialmente, considera-se as meninas "naturalmente" mais frágeis do que os meninos, justificando, assim, a necessidade de uma estrutura especial que proteja as meninas da "brutalidade" inerente aos meninos (FRAGA, 2000, p. 117).

Apesar de terreno fértil para problematizar os estereótipos de gênero, muitas vezes vemos a educação física abdicando dessa oportunidade e tornando-se mais um local de reprodução de preconceitos. Aulas mistas poderiam ser ferramenta para trabalhar nos alunos atitudes como: respeito mútuo, cooperação, solidariedade, além de romper com diversos preconceitos, como por exemplo o de gênero.

É importante questionar como as meninas e os meninos são vistos dentro das aulas de Educação Física e quais as consequências pessoais e sociais que essa visão tem. Esse tratamento diferenciado que se dá resulta em um desempenho motor também diferenciado. Apesar de aulas mistas, a educação física escolar insiste em tratar e avaliar meninos e meninas de forma completamente distintas, e se a mesma persistir nessas práticas de ensino, pode ocorrer consequências que segundo Saraiva (1999, p. 27) podem ser:

No campo biofisiológico, a performance motora feminina fica prejudicada pelas menores oportunidades de vivências

corporais, em relação as oportunidades de jogos esportivos oferecidas aos meninos. No campo psicológico, a aceitação por parte das meninas da ideia de superioridade física do homem, que transferida aos outros aspectos de vida, leva à acomodação, uma vez que “os meninos são desde cedo estimulados para a independência”. E no campo social, pode-se facilmente deduzir em decorrência dos fatos anteriores, as consequências para o papel social de ambos os sexos. (SARAIVA, 1999, p. 27)

Quando tomamos certas práticas como mais adequadas para um ou outro sexo, acabamos por criar situações e condições que restringem e desestimulam o envolvimento dos indivíduos em várias atividades esportivas e de lazer. Defendemos a ideia de que uma sociedade regida pela equidade de gênero acolhe a diversidade de escolha e promove o estímulo para que cada pessoa possa vivenciar atividades com as quais se identifica, exercendo, assim, maior liberdade e autonomia. A partir disso Auad (2003, p. 138) destaca que:

A escola mista é um meio e um pressuposto para que haja coeducação, mas não é o suficiente para que esta ocorra. Em uma escola mista, a coeducação pode se desenvolver, mas isso não acontecerá sem medidas explicitamente guiadas por parte das professoras e amparo de políticas públicas que objetivem o fim da desigualdade de gênero, no âmbito educacional.

Atualmente documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais fazem alusão a importância das questões acerca do gênero, principalmente na disciplina de Educação Física, todavia, se analisarmos a história desta disciplina, as leis ou decretos, e os seus próprios objetivos nas diferentes épocas, observaremos que nem sempre assuntos relacionados a gênero receberam tamanha importância.

Apesar da importância que as questões de gênero têm assumido na pesquisa acadêmica nas últimas décadas, principalmente entre disciplinas como antropologia, sociologia, psicologia, história, biologia e educação, pode-se dizer que, no Brasil, a temática ainda não está bem consolidada na área da Educação Física.

Considerando que gênero é uma categoria fundamental na vivência das práticas corporais na educação física e que o “gênero” está presente no amplo âmbito de relações que a prática da educação física abrange, supostamente deveria ser alvo de pesquisas e ter presença marcante na produção científica da área.

Entretanto, parece que a temática não tem gerado a atenção que esperávamos que geraria devida sua importância, evidenciando uma preocupação

ainda não muito expressiva do entendimento dos processos pelos quais os corpos de meninos e meninas são construídos e significados, sendo que o esporte, a atividade física e a educação física escolar também são responsáveis por construir essa ideia social de corpo, de sexo e de comportamento.

No capítulo seguinte são apresentados os aspectos metodológicos da pesquisa e na sequência a análise e discussão dos resultados.

CAPÍTULO 2 Aspectos metodológicos da pesquisa

Tendo-se por objetivo geral analisar a produção do conhecimento no campo de conhecimento e intervenção pedagógica da Educação Física, considerando a temática gênero na Educação Física escolar, realizou-se uma pesquisa de natureza bibliográfica, com base na consulta em periódicos indexados pelo QualisCapes da Educação Física.

O recorte temporal compreendeu o período de 2010 a 2018, no qual buscou-se cotejar artigos que tratassem de duas grandes áreas da Educação Física (fisiológica e sociocultural/pedagógica).

Previamente realizou-se um levantamento na plataforma Qualis/Capes de todos os periódicos de circulação nacional e internacional, de categorias A, B e C, válidos para a área da Educação Física.

Após, fez-se a seleção das revistas que eram exclusivas da área da educação física, com edições disponíveis online de fácil acesso, como é o caso da Revista Movimento. A identificação dos artigos sobre gênero aconteceu em duas revistas consideradas de significativa circulação na área da Educação Física. Para seleção dos artigos, fez-se a busca por temas/termos como: educação física e gênero, educação física escolar e sexualidade; mulheres na escola, representações de masculinidade e feminilidades, etc. A opção para o recorte de conteúdo foi pelo modelo misto, aquele em que as categorias tanto são selecionadas no início, quanto são modificadas e/ou acrescentadas, em função do que a análise apontava.

Optamos por pesquisar o que foi produzido academicamente a respeito do gênero na educação física escolar. A escolha dos periódicos se deu em vista da relevância que têm no meio acadêmico da Educação Física brasileira. Uma forma de perceber tal relevância é visualizar o estrato WebQualis que eles têm: Movimento – A2 e Revista Brasileira de Ciências do Esporte – B1.

Considerando que a Educação Física pode ser subdividida nas três subáreas do conhecimento destacadas por Manoel e Carvalho (2011), é importante esclarecer que essa escolha de análise não é aleatória, mas pertinente para o campo da Educação Física. Outro critério para a escolha foi que os periódicos analisados deveriam ser amplos o suficiente para abarcar publicações sobre gênero na educação física escolar, a partir de diversos referenciais teóricos e metodológicos.

Após a escolha dos periódicos, estabelecemos critérios para a seleção dos artigos. A busca foi feita a partir da leitura dos títulos e palavras-chave, foram selecionados os artigos que apresentavam a temática gênero nesses itens. Logo após essa seleção, os artigos foram lidos na íntegra para o processo analítico.

Primeiramente mapeamos a produção de artigos científicos no período de 2010-2018. Em seguida, identificamos em que subárea do conhecimento os artigos que tematizam o gênero na educação física escolar foram mais publicados. E, por fim, problematizamos, a partir dos dados encontrados, o tema em estudo.

Todos os artigos selecionados foram lidos na íntegra e analisados. Foram encontrados 9 artigos produzidos sobre a temática no período delimitado para a busca, de 2010 a 2018.

Na revista Movimento, foram encontrados 6 artigos no período delimitado para a busca, de 2010 a 2018, que serão utilizados neste estudo e estão representados no quadro abaixo:

Quadro 1 – Artigos da Revista Movimento (Revista de Educação física da UFRGS)

Nº	REFERÊNCIA/TÍTULO	VOLUME/ANO	PALAVRAS CHAVE
1	CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson; MOURA, Diego; MOURÃO, Ludmila. Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. <i>Movimento</i> , Porto Alegre, v.16, n.02, p. 149-164, abr./jun. 2010.	Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 149-164, abril/junho de 2010.	Educação física. Identidade de gênero. Preconceito.
2	GIL-MADRONA, Pedro et al. AS MENINAS TAMBÉM QUEREM BRINCAR: A PARTICIPAÇÃO CONJUNTA DE MENINOS E MENINAS EM ATIVIDADES FÍSICAS NÃO ORGANIZADAS NO CONTEXTO ESCOLAR. Movimento (ESEFID/UFRGS) , Porto Alegre, p. 103-124, out. 2013. ISSN 1982-8918.	Movimento, Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 103-124, jan/mar de 2014	Atividade motora Esportes Atividades de lazer Identidade de gênero Criança.

3	GONZÁLEZ-PALOMARES, Alba; ALTMANN, Helena; REY-CAO, Ana. ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS IMAGENS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO BRASIL. Movimento (ESEFID/UFRGS) , Porto Alegre, p. 219-232, fev. 2015. ISSN 1982-8918.	Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 219-232, jan./mar. de 2015.	Sexismo Ilustrações de livros Ensino fundamental e médio Esportes
4	MATTOS, Michele Ziegler de; JAEGER, Angelita Alice. BULLYING E AS RELAÇÕES DE GÊNERO PRESENTES NA ESCOLA. Movimento (ESEFID/UFRGS) , Porto Alegre, p. 349-361, fev. 2015. ISSN 1982-8918.	Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 349-361, abr./jun. de 2015.	Bullying Identidade de gênero Comportamento Ensino fundamental e médio
5	DELCASTILLO-ANDRÉS, Óscar et al. ESTUDO OBSERVACIONAL DO SEXISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO SUL DA ESPANHA. Movimento (ESEFID/UFRGS) , Porto Alegre, p. 263-278, dez. 2015. ISSN 1982-8918.	Movimento, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 263-278, jan./mar. de 2016.	Educação Física e treinamento Pesquisa qualitativa Identidade de gênero Ensino fundamental e médio.
6	TINÓCO, Rafael de Gois et al. RESENHA DO LIVRO GÊNERO, MASCULINIDADES E DIVERSIDADE: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E IDENTIDADES MASCULINAS. Movimento (ESEFID/UFRGS) , Porto Alegre, p. 671-676, dez. 2015. ISSN 1982-8918.	Movimento, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 671-676, abr./jun. de 2016.	Diversidade cultural Masculinidade Sexismo.

Na Revista Brasileira de Ciências do Esporte foram encontrados 3 artigos no período delimitado para a busca, de 2010 a 2018, que serão utilizados neste estudo e estão representados no quadro abaixo:

Quadro 2 – Artigos da RBCE – Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Nº	REFERÊNCIA/TÍTULO	VOLUME/ANO	PALAVRAS CHAVE
7	OLIVEIRA, Alexandre Palma de et al. INSATISFAÇÃO COM O PESO E A MASSA CORPORAL EM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DO SEXO FEMININO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte , Florianópolis, SC, v. 35, n. 1, set. 2012. ISSN 2179-3255.	Imagem corporal Adolescentes Índice de massa corporal Peso corporal.
8	UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E RELAÇÕES DE GÊNERO: DIFERENTES MODOS DE PARTICIPAR E ARRISCAR-SE NOS CONTEÚDOS DE AULA.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte , Florianópolis, SC, v. 38, n. 2, jun. 2016. ISSN 2179-3255.	Gênero Educação Física Conteúdos Escola
9	Caetano, T. I.; Albuquerque, M. R.; Mendes, E. L.; Nascimento, F. R.; Amorim, P. R. S. Associação do sexo, rede de ensino e turno escolar com os níveis de intensidade das atividades diárias de crianças medidos por acelerometria. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 39(3) 217-328, jul-set, 2017	© 2017 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Published by Elsevier Editora Ltda. Revista Brasileira de Ciências do Esporte . 2017;39(3):299---306	Criança Recomendação de atividade física Intensidade Acelerometria

CAPÍTULO 3 Corpo, gênero e o campo da Educação Física escolar

O presente trabalho envolveu pesquisas, que foram publicadas em periódicos da área da Educação Física sobre a produção no campo de conhecimento e intervenção pedagógica da Educação Física, considerando a temática gênero na educação física escolar.

Como campo de conhecimento, a Educação Física é relativamente jovem e isso fica claro quando percebemos a constante necessidade que a área tem de se afirmar como campo de conhecimento. Ainda hoje vemos estudiosos discutindo acerca do objeto de estudo da Educação Física. Suas similaridades com as ciências naturais, ciências humanas e ciências sociais ampliam a discussão sobre sua legitimidade no âmbito científico-acadêmico e suas reais finalidades. A Educação Física tem diversas finalidades e associações (com a educação, a saúde, o esporte, o lazer); ainda assim ela é pensada como sendo pedagógica em essência (BRACHT, 2006).

As ciências naturais, como a Biologia, em sua tradição, caminham no sentido de procurar leis que possam explicar de forma objetiva a realidade: as leis da natureza, que objetivam ter caráter universal e generalizados. As ciências humanas e sociais, e aqui não visio entrar no mérito de suas divergências, buscam desnaturalizar as explicações, querem se distanciar de generalizações e, por esse motivo, levam em conta outros fatores, como a subjetividade. Segundo Chauí (2002) essa oposição surge no pensamento do século XIII, sendo que “A Natureza é o reino da necessidade causal, do determinismo cego. A humanidade ou cultura é o reino a finalidade livre, das escolhas racionais, dos valores, da distinção entre bem e mal, verdadeiro e falso, justo e injusto, sagrado e profano, belo e feio”. Este tipo de diferença marca todo o desenvolvimento desses dois campos de conhecimento ao longo da história, a começar pela construção do objeto de estudo de cada um deles.

Mas então a educação física pertence a qual área do conhecimento?

Ao longo dos anos 1990, ocorreu uma mudança gradual na estruturação dos programas de pós-graduação. O termo educação física foi mantido, mas houve a proposição de diferentes áreas de concentração com inspiração no movimento disciplinar. Cada área de concentração correspondeu a uma subárea, sendo identificadas três: biodinâmica, sociocultural e pedagógica. (CARVALHO, 2011, p.392)

A biodinâmica engloba as pesquisas dentro de disciplinas como: biomecânica, fisiologia, controle motor, bioquímica e de campos a eles relacionados, como nutrição, fisioterapia, treinamento desportivo. As linhas de pesquisa na biodinâmica são orientadas pelas ciências naturais (AMADIO e BARBANTI, 2000).

A sociocultural levanta discussão sobre temas como atividades físicas, práticas corporais, jogos, esportes, com proximidade maior de áreas como sociologia, história, antropologia e filosofia, considerando a perspectiva cultural da Educação Física e seu papel sócio-histórico. Segundo DAÓLIO (2007), cultura é o principal conceito para a Educação Física, porque todas as manifestações culturais humanas são geradas na dinâmica cultural, expressando diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos específicos.

A pedagógica investe em questões relativas ao desenvolvimento curricular, a pedagogia das atividades físicas e dos esportes, questões relativas a métodos de ensino. Trata de aspectos relacionados à educação, sendo eles aspectos metodológicos, filosóficos, políticos, sociais. As subáreas sociocultural e pedagógica definem suas investigações orientadas pelas ciências sociais e humanas.

Nesse sentido, a Educação Física investiga em estreita proximidade com a área da educação (BRACHT, 2006), com a sociologia (BETTI, 2004), com a filosofia (FENSTERSEIFER, 1996) e com a história (SOARES, 1998).

A produção do conhecimento em Educação Física tem aumentado expressivamente ao longo do processo histórico de consolidação da área no país, isso fica evidente quando olhamos tanto para o número de cursos de graduação e Pós-graduação que surgem ano a ano, quanto para quantidade de artigos publicados na área.

É evidente também que as subáreas não são neutras quanto a escolha do seu objetivo de estudo, transparecendo preferências e tendências ao escolher o que estudar e sob qual ótica estudar. Áreas com diferentes focos estudam coisas diferentes, ou até mesmo coisas similares, porém sob outros filtros.

A seguir, os resultados pertencentes à seleção e categorização referente à temática referida e a reflexão inicial sobre algumas questões propositivas encontradas.

3.1 A produção acadêmica sobre gênero na Educação Física escolar e suas relações com as subáreas da Educação Física

Foram identificados 9 artigos referentes à temática do gênero na Educação Física escolar nas revistas Movimento e RBCE. Dos artigos encontrados três são da RBCE e seis da Movimento. Esse material foi analisado a partir das subáreas abordadas por Manoel e Carvalho (2011), descritas em tópico anterior.

a) Identificação dos(as) autores/autoras e a relação epistêmica destes com a área de Educação Física escolar

a.1 A subárea sociocultural/pedagógica e as diferentes preocupações com a temática gênero na escola

Dos 9 artigos pesquisados, 7 têm suas bases teórico-metodológicas nos estudos culturais, de gênero e da história do corpo, onde ganham destaque autores-referência como Foucault (2004), Goellner (2008) e Meyer (2004). Goellner e Meyer são pesquisadoras e autoras de trabalhos principalmente na a área da Educação Física sociocultural.

Dos artigos encontrados e analisados, podemos evidenciar as autoras Altmann (2016), Jaeger (2015), Uchoga (2016), González-Palomares (2015) e Mourão (2010) que investigam as representações de corpo, as relações de gênero e as sexualidades na Educação Física e são referências tanto área sociocultural, quanto na área pedagógica.

No artigo nº 1 (Chan-Vianna, Moura e Mourão, 2010) buscou analisar as argumentações que sustentavam a afirmação de discriminação das meninas nas aulas de Educação Física. Os autores identificaram e analisaram 5 estudos na produção das pesquisas dos programas sensu stricto em educação física do banco de teses da CAPES. Concluíram que as pesquisas, de um lado, denunciam o sistema escolar por reforçar o sexismo, mas, por outro, apontam que gênero não é o único fator de inclusão e exclusão na escola.

Chan-Vianna possui licenciatura plena em Educação Física (1990), é doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho/RJ (2010), tendo realizado estágio na Universidade do Porto/Portugal (2009) como bolsista Capes. Moura é mestre e doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF). Realizou estágio de pós-doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte (UERJ). Mourão é doutora em

Educação Física (1998), pela Universidade Gama Filho. Hoje é professora do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu Mestrado Doutorado em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Juiz de Fora. Os autores têm interesse nas três subáreas da Educação Física: biodinâmica, sociocultural e pedagógica. Produzem sobre diversos temas: mulheres no esporte, gênero nas atividades físico-desportivas e educação física escolar, além de estudos socioculturais e pedagógicos da educação física e esportes.

Em 2014, o artigo nº 2 (Gil-Madrona et al. 2014) apresentou um estudo empírico descritivo realizado com 250 participantes do sexto ano da educação primária (EP), 130 meninas e 120 meninos de quatro centros escolares espanhóis buscando compreender os obstáculos que encontravam as meninas na realização de atividade física (AF) e esporte, no tempo de lazer escolar. Utilizaram uma enquete de 10 itens para compreender esses obstáculos. Os resultados indicaram que existem diferenças de gênero na hora de praticar jogos e esportes, ainda que estejam se apresentando mudanças de conduta que fazem com que meninos e meninas se agrupem com maior frequência para realizar atividades físicas e esportes.

Pedro Gil Madrona é professor de didática de artes, artes e expressão corporal da Universidade de Castilla-La Mancha. Mestre em Educação Física por 18 anos e trabalha há 14 anos com gestão escolar. Gil Madrona é bacharel e doutor em Ciências da Educação e já recebeu prêmio extraordinário como doutor-pesquisador principal de projetos de Educação Física em educação infantil e Educação Física e valores e menção honrosa em prêmios nacionais de pesquisa educacional. Sua identificação maior é nitidamente com a área pedagógica da Educação Física, realizando também vários recortes socioculturais em suas pesquisas.

O artigo nº 3 (González-Palomares e Altmann, 2015) analisou se existem estereótipos de gênero nas imagens de livros didáticos da Educação Física brasileira. Para a análise de conteúdo as autoras utilizaram uma adaptação *ad hoc* de um instrumento empregado em investigações precedentes e analisaram 929 fotografias de livros publicados entre 2006 e 2012 e destinados a estudantes do ensino fundamental e médio. Os resultados mostram um ligeiro predomínio da representação de homens frente à de mulheres e muitas imagens de grupos mistos de homens e mulheres. As imagens reproduzem parcialmente os padrões hegemônicos que vinculam o tipo de prática corporal com o gênero. Os homens se

associam com os esportes enquanto as mulheres se vinculam às atividades de *fitness* e condicionamento físico.

Helena Altmann é professora associada da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1998) e doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2005). Na Unicamp, é professora na Faculdade de Educação Física e no Programa de Pós-graduação em Educação e coordenadora do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE). Altmann integra o grupo de pesquisa corpo e educação, vinculado à faculdade de educação física, e o grupo de pesquisa FOCUS, da Faculdade de Educação da Unicamp – Universidade de Campinas. Alba González-Palomares é doutora em Educação Física e Esporte. As autoras levam suas pesquisas principalmente dentro da subárea sociocultural.

Ainda no ano de 2015, o artigo nº 4 (Mattos e Jaeger, 2015) analisou as interfaces entre o *Bullying* e as relações de gênero no contexto escolar, identificando essa manifestação entre 95 meninos e meninas de 4º a 8º séries de uma escola pública. Um questionário foi respondido pelos/as estudantes, e foram feitas observações do contexto escolar e conversas informais com a equipe diretiva e alunos/as. Os resultados apontam que o *Bullying* se destaca através da agressão verbal e seus protagonistas são, em sua maioria, do sexo masculino. As representações de gênero que permeiam o cotidiano dos estudantes evidenciam que meninos e meninas são educados de modos diferentes.

Michele Ziegler de Mattos concluiu o curso de Educação Física - Licenciatura Plena na UFSM, em Santa Maria, RS, no ano de 2010. Também possui mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas na linha de pesquisa memória, cultura e sociedade. Atualmente é estudante do curso de Educação Física Bacharelado na UFRGS-POA. Angelita Alice Jaeger possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (1994), mestrado em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (1997), doutorado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009) e doutorado em Faculdade de Ciências do Desporto pela Faculdade de Desporto - Universidade do Porto (2007). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Santa Maria. As duas autoras investigam as representações de corpo, as relações de gênero e as sexualidades na Educação Física, além de estudos em diversidade, corpo e ensino.

Suas pesquisas problematizam a temática do corpo, das relações de gênero e da educação para a diversidade em situações de práticas corporais e esportivas em distintos contextos, aproximando-se das áreas socioculturais/pedagógicas.

Quando juntamos a produção dos dois periódicos, o ano de 2016 foi o que apresentou maior número de artigos publicados em relação ao tema: 3 artigos. O artigo nº 6 (Tinôco et al., 2016) produziu uma resenha do livro - Gênero, masculinidades e diversidade: educação física, esporte e identidades masculinas - e teve como objetivo apresentar e analisar o livro Género, masculinidades y diversidad: educación física, deporte e identidades masculinas, organizado por Joaquín Piedra de la Cuadra, publicado pela ediciones Octaedro, no ano de 2013 na cidade de Barcelona, Espanha. Joaquín Piedra de la Cuadra, busca dar respostas a duas lacunas na circulação da produção sobre gênero. Uma diz respeito à necessidade de dar visibilidade às temáticas das distintas expressões de masculinidade e seus desdobramentos de respeito à diversidade, especificamente no tocante à homofobia; e a segunda faz referência ao fomento desse debate em países de língua de raiz latina, que tem encontrado literatura científica reduzida. Especificamente na obra Género, masculinidades y diversidad: educación física, deporte e identidades masculinas (2013), Joaquín Piedra de la Cuadra aponta a marginalidade dos temas relacionados às masculinidades nos estudos de gênero.

Rafael de Gois Tinôco possui graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Potiguar (2002), e mestrado em Educação Física na área Pedagógica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde hoje é professor substituto do curso de Educação Física. Tinôco é membro dos grupos de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) intitulados: GEPEC (Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento) e LEFEM (Laboratório de Estudos em Educação Física, Esporte e Mídia). Seus artigos abordam, em sua maioria, assuntos ligados a escola, aproximando-se bastante da subárea pedagógica da Educação Física

Ainda em 2016, o artigo nº 5 (Delcastillo-Andrés et al., 2016) analisou o comportamento de 240 estudantes para determinar se estabelecem comportamentos sexistas entre os alunos de Educação Física da Educação Secundária em Sevilha (Espanha). Categorizaram-se códigos descritivos de observação. Foram identificadas três categorias relacionadas ao comportamento sexista: envolvimento na tarefa, solicitação de informação adicional e aceitação de

tarefas. Uma escala de observação foi utilizada para registrar as frequências. O teste de Mann-Whitney estabelece uma $p < 0,05$ para rejeitar a hipótese nula. Encontrou-se comportamento sexista no envolvimento na tarefa. Não apareceu discriminação na solicitação de informação adicional e aceitação de tarefas.

Óscar DelCastillo-Andrés trabalha atualmente no Departamento de Educação Física e Desportiva da Universidad de Sevilla. Óscar faz pesquisa em avaliação educacional, teoria curricular e educação científica, aproximando-se assim da área pedagógica da Educação Física.

Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula – foi a última publicação da temática no ano de 2016 nos dois periódicos analisados. No artigo nº 8 (Uchoga e Altmann, 2016) através de uma pesquisa do tipo etnográfica em duas escolas pertencentes à região metropolitana de Campinas-SP, buscaram entender como se dão as relações de gênero nos diferentes conteúdos da educação física escolar e como a diversificação destes interfere nas relações de gênero durante as aulas. As análises feitas indicam que meninos e meninas lidavam de maneiras distintas com aprendizagem de novos movimentos e conteúdos, sendo que eles se arriscavam mais nas aprendizagens e demonstravam mais confiança nas próprias capacidades e habilidades corporais.

Liane Aparecida Roveran Uchoga é licenciada e mestre em Educação Física pela Faculdade de Educação Física- Unicamp (2007), área de concentração Educação Física e sociedade. Tem produções na área de Educação Física escolar, com ênfase em temas ligados a educação como gênero, sexualidade e educação infantil. Uchoga (2011) demonstra, com suas produções e áreas de interesse ampla proximidade com a área sociocultural da Educação Física, utilizando seus objetos de estudo para compreender também a área pedagógica.

As subáreas sociocultural/pedagógica apresentam sete artigos sobre gênero na Educação Física escolar nos periódicos pesquisados, o que representa 77,78% da produção analisada. Esse grande percentual da produção vai na contramão do que MANOEL E CARVALHO (2011) identificaram: a área sociocultural ainda tem pouca visibilidade no campo da Educação Física e o desequilíbrio das produções, decorrente do número superior de artigos produzidos na biodinâmica, causa uma desvalorização de investimentos na área sociocultural. Pode ser que a área sociocultural no geral tenha pouca visibilidade na área da educação física, porém no que se refere ao gênero, podemos perceber que as subáreas

sociocultural/pedagógica foram as que mais produziram sobre a temática. É importante reiterar que procuramos analisar o gênero em uma perspectiva escolar, o que influenciou diretamente na temática dos artigos que encontramos. A subárea pedagógica estará em maior evidência nesse recorte, por se tratar de um contexto escolar.

a.2 A subárea da biodinâmica e as diferentes preocupações com a temática gênero na escola

A subárea biodinâmica apresentou apenas dois artigos sobre gênero na Educação Física escolar nos periódicos pesquisados, o que representa 22,22% da produção analisada. Os artigos aqui analisados retratam pesquisas que abordam o gênero de uma forma diferente daquela feita nas subáreas sociocultural/pedagógica.

Na subárea da biodinâmica as linhas de pesquisa são orientadas pelas ciências naturais (ABERNETHY, 1996; AMADIO; BARBANTI, 2000) e por esse motivo o gênero nessa subárea se aproxima mais de uma divisão sexual do que de um conceito social e cultural. Os artigos apresentaram uma percepção de gênero e sexualidade apenas vinculada ao funcionamento do corpo e dos órgãos. Tal identificação materializa as evidências de uma divisão conceitual envolvendo os termos gênero, sexo e sexualidade.

O segundo artigo sobre a temática, artigo nº 7, só foi encontrado nas produções do ano de 2013, dois anos após o primeiro artigo. O artigo nº 7 (Oliveira et al. 2013) verificou a prevalência de insatisfação corporal entre adolescentes do sexo feminino na cidade do Rio de Janeiro. Foram investigadas 2.149 estudantes do sexo feminino, entre 14 e 18 anos de idade. Foram aferidos os pesos, estaturas e índices de massa corporal (IMC) informados e desejados. A insatisfação corporal foi considerada de dois modos: a) através do desejo de modificar o IMC; e, b) o desejo de alterar o peso corporal em valor superior a 10% do peso informado. Os autores concluíram que, do total investigado, 93,58% expressaram o desejo de modificar o IMC. Observaram ainda, que 42,48% manifestaram insatisfação com o peso. Concluíram, então, que as adolescentes investigadas manifestaram tendência à insatisfação com o peso corporal.

Alexandre Palma de Oliveira possui graduação em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1986), mestrado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1995), doutorado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz

(2002) e estágio de pós-doutorado no Instituto de Psiquiatria (IPUB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005) e no Programa de Pós-graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade Gama Filho (2014). Atualmente, é professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde leciona na Escola de Educação Física e Desportos. Tem experiência acadêmica nas seguintes áreas: treinamento desportivo, atividade física e promoção da saúde e futebol e tem identificação maior com a subárea biodinâmica.

Em 2017, o artigo nº 9 (CAETANO et al., 2017) teve o objetivo de analisar as atividades físicas (AF) de crianças em relação às recomendações de AF (RAF) e as influências do sexo, rede de ensino e turno escolar. Foram avaliados 101 escolares de escolas públicas e privadas e turnos matutino e vespertino. Os dados foram coletados por acelerômetros durante três dias. Foi usado Teste *t Student* para as comparações entre o sexo, rede de ensino e turno escolar ($p < 0,05$). O tempo em atendimento às RAF em minutos por dia foram: Sexo: masculino=171,01±43,35 e feminino=198,85±53,47; rede de ensino: pública=198,93±48,85 e privada=157,32±40,34; turno escolar: matutino=198,76±47,64 e vespertino=167,68±47,75. O sexo feminino, a escola pública e o turno matutino apresentaram maior nível de AF.

Isabella Tolêdo Caetano é graduada em Educação Física (Bacharel e Licenciatura) pela Universidade Federal de Viçosa (2011). Mestre em Aspectos Biodinâmicos do Movimento Humano pelo programa de Pós-Graduação em Educação Física UFV/UFJF (2012-2014). Doutoranda em Educação Física pelo programa de Pós-Graduação em Educação Física UFV/UFJF. Membro do Grupo de Estudo em Dispendio Energético (GEDE) do Departamento de Educação Física da UFV. A maior parte de seus artigos são produzidos com ênfase nos seguintes temas: nível e intensidade das atividades físicas, comportamento sedentário, obesidade, epidemiologia e físico. Esses temas evidenciam que Caetano se aproxima mais da subárea biodinâmica, tendo foco maior nos processos biológicos em seus estudos.

Conforme já referido anteriormente, essa é a subárea que conta com a menor parte da produção sobre gênero na Educação Física Escolar, o que indica o tipo de conhecimento que está sendo privilegiado atualmente sobre esse assunto.

b) As abordagens da temática gênero na Educação Física escolar

Nosso objetivo neste momento é verificar como são construídas as abordagens da temática gênero na Educação Física escolar segundo os artigos analisados. É importante questionarmos como os autores dos artigos encontrados abordam a temática gênero. Sabemos que o debate de gênero é dinâmico e intenso, sendo assim, várias obras têm surgido e apresentado diferentes formas de abordar o assunto.

Em sua pesquisa, Chan-Vianna, Moura e Mourão (2010) evidenciaram, em uma análise da produção acadêmica, que o tema Educação Física, gênero e escola era abordado majoritariamente através da perspectiva da discriminação de gênero Chan-Vianna, Moura e Mourão enfatizaram:

O esforço em perceber a discriminação de gênero em qualquer fenômeno social pode deixar nebuloso o olhar do pesquisador. Nas pesquisas analisadas, a proposta de perceber a discriminação de gênero nas aulas de educação física se transformou em uma camisa de força que obscureceu mais do que iluminou o debate. (CHAN-VIANNA, MOURA, MOURÃO, p. 156, 2010)

Chan-Vianna, Moura e Mourão (2010) em nenhum momento deixaram claro se os artigos analisados consideravam o gênero de uma forma natural e biológica ou se o caracterizavam através de uma construção feita socialmente, lembrando que gênero está atrelado aos significados que atribuímos ao corpo humano. E esses significados se dão pela “presença” dos órgãos de reprodução vagina e pênis. Quando há a presença de um pênis, atribuímos ao corpo um significado dito masculino, de homem e quando há a presença de uma vagina, atribuímos um significado dito feminino, de mulher. Este “determinismo biológico” refere-se ao rígido entendimento de que para ser mulher bastaria nascer com vagina e para ser homem bastaria nascer com pênis. A partir dessa determinação, são esperadas qualidades, identidades, comportamentos e papéis atribuídos a homens e mulheres

Embora seja visível a diferença biológica entre e homens e mulheres, as Ciências Sociais entendem - a partir da utilização do termo gênero - que a organização social é um fator mais influente na construção das identidades masculinas e femininas. Sobre a base das naturais diferenças biológicas, foram culturalmente criadas outras diferenças (NADER, 2002, p.470). Dessa forma, gênero tornou-se uma palavra útil pois, distingui a prática sexual dos papéis atribuídos socialmente a homens e mulheres (SCOTT,1990, p.7).

Caminhando lado a lado com o artigo de Chan-Vianna, Moura e Mourão (2010) Gil-Madrona et al. (2013) apresentaram um estudo empírico descritivo também utilizando a discriminação como pilar central de seus estudos. Gil-Madrona et al.(2013) descrevem as estratégias educacionais para superar essa discriminação e levantam possíveis motivos para essa discriminação. Esse é mais um artigo que não explicita como a categoria gênero é definida.

O conceito de gênero que construí nesse trabalho diz sobre as representações culturais e sociais que são construídas sobre o pilar das diferenças biológicas do sexo. Seguindo nessa trilha, DELCASTILLO-ANDRÉS et al. (2016) entendem por gênero o conjunto de expectativas e comportamentos que uma sociedade atribui e espera da pessoa de acordo com seu sexo masculino ou feminino. Outro artigo que se aproxima dessa definição de gênero foi o produzido por González-Palomares, Altmann e Rey-Cao, (2015). As autoras partem de uma concepção de gênero como uma construção social. Trazendo para o artigo a seguinte definição:

O gênero é uma simbolização da diferença sexual que exerce um papel fundamental na organização e distribuição do poder (SCOTT, 1996). O feminino e o masculino, longe de ser uma realidade binária associada essencialmente a cada sexo, é “[...] a melhor fundada das ilusões coletivas” que atua impondo atribuições a cada sexo e colabora a uma interessada distribuição do poder (BOURDIEU, 2008, p. 232).

Assim como as autoras acima, MATTOS e JAEGER (2015) abordam o gênero em uma perspectiva sociocultural, evidenciando que o gênero se forma socialmente. As autoras deixam claro que:

[...] o conceito de gênero que sustenta as análises aqui empreendidas busca: [...] englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas em processos que diferenciam mulheres e homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção e distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas percebidas entre homens e mulheres (MEYER, 2013, p. 16).

Altmann foi a autora de mais um artigo, agora junto com Uchoga. As duas definem que foi a partir do contexto de aulas mistas e seus impactos, no que diz

respeito ao processo de ensino-aprendizagem, que no decorrer da década de 1990 aparecem na área pesquisas que adotam a categoria gênero em suas análises (Goellner, 2003, Devide et al., 2011). O artigo aborda a questão do gênero de uma forma mais sexual, separando as crianças em meninos e meninas, mas sem declarar diretamente de que forma as autoras interpretam essa separação. O que pode entender do artigo é que se aproximaram mais da ideia que o gênero é construído a partir de um conjunto de órgãos, uma definição biológica bipolar, que passam então a regular toda vida do indivíduo. Entendem as consequências sociais dessa separação biológica, mas não deixam claro se veem o gênero como uma construção social.

Partindo de uma análise mais biológica, Caetano et al. (2017) analisaram as intensidades dos comportamentos ativos de crianças com 10 anos de idade utilizando, entre outros, do recorte de sexo. O artigo não utiliza nenhuma vez a palavra gênero e diferencia meninas e meninos única e exclusivamente através do sexo anatômico. Os autores utilizam gênero no sentido de sexo, como um marcador de diferenças biológicas entre indivíduos da espécie humana. Da mesma forma, Oliveira et al. (2013) também não trazem ao longo do artigo a expressão gênero, mas o termo sexo, por exemplo, foi citado aproximadamente 14 vezes, o que indica que a distinção entre pessoas do gênero feminino e masculino se deu através do conjunto de órgãos que o definem como menino ou menina.

Tinôco et al. (2016) produziram uma resenha do livro - Gênero, masculinidades e diversidade: educação física, esporte e identidades masculinas. Ao analisar as relações de gênero através das influências dos padrões socialmente aceitos sobre o conceito de homem, Tinôco et al. (2016) enfatizam o processo de construção social e cultural da masculinidade diante de um padrão hegemônico e de estereótipos veiculados, indo de encontro com a ideia de gênero como uma construção social, política e histórica. Podemos perceber que nessas áreas houve uma grande diversidade de assuntos que envolviam o gênero na Educação Física escolar. Estiveram presentes diversos contextos em que ele acontece: na análise da produção acadêmica, em atividades físicas não organizadas no contexto escolar, nos diferentes modos de meninos e meninas participarem e arriscarem-se nos conteúdos das aulas, nos estereótipos de gênero e no bullying no contexto escolar. Isso demonstra que, nessa subárea do conhecimento, não se privilegia apenas uma forma de análise do objeto analisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo dos limites deste trabalho, propusemo-nos a compreender como se dá a produção sobre gênero na Educação Física escolar nos periódicos acadêmicos Movimento e RBCE. Para isso, utilizamos como metodologia de pesquisa a análise documental de tudo que foi produzido, o que nos possibilitou compreender com profundidade a produção encontrada.

A maior parte da produção sobre gênero está concentrada na área sociocultural da Educação Física, demonstrando que há um menor interesse da área biodinâmica pela temática. Ao chegar a essa conclusão, não afirmamos que o gênero no ambiente escolar é observado apenas de um determinado ponto de vista, pois pudemos perceber através da nossa pesquisa, que, apesar da produção ter maior concentração na área sociocultural, há uma ampla diversidade de assuntos que envolviam o gênero na Educação Física escolar.

Através da pesquisa realizada pudemos perceber com que olhar as produções das áreas da Educação Física analisam a questão gênero. Enquanto os estudos de gênero da área das biodinâmicas trata o gênero como diferença biológica, dentro de um modelo de separação de sexos e um conceito utilizado a partir das diferenças sexuais, os estudos de gênero das áreas socioculturais e pedagógicas o tratam como construção social e cultural que resultam em processos que diferenciam meninos e meninas.

Apesar dos avanços em termos quantitativos da área sociocultural sobre gênero, os artigos investigados não adotam conceitos claros sobre a temática. Muitas vezes não explicitavam se falavam de um gênero social ou biológico e deixavam essa interpretação por conta do leitor.

Por fim, no nosso entendimento, o gênero é uma categoria que influencia fortemente as relações sociais e na escola não seria diferente. As aulas de Educação Física tem ampla importância na manifestação da cultura corporal, sobretudo dentro de um modelo de separação de sexos, muitas vezes com separação entre meninos e meninas em estafetas e práticas como futebol e queimada. A Educação Física é influenciada diretamente por essa construção social do corpo e contribui de maneira forte para formação da identidade de gênero e atribuições arraigadas a essas identidades, desta forma, podem acabar fortalecendo

padrões e estereótipos de gênero, reproduzindo noções de sujeitos masculinos e femininos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abernethy, B. et al. **The biophysical foundations of human movement.** Champaign: Human Kinetics, 1996.

Amadio, A.; Barbanti, V. (Orgs.). **Biodinâmica do movimento humano e suas relações interdisciplinares.** São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

Auad, D. Educação para a democracia e coeducação: apontamentos a partir da categoria de gênero. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 136-143, 2003.

Betti, M. et al. A avaliação da educação física em debate: implicações para a subárea pedagógica e sociocultural. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 1, p. 183-194, 2004.

Bracht, V. Por uma política científica para a educação física com ênfase na pós-graduação. In: **FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**, 2006, Campinas.

Butler, J. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Caetano, T. I.; Albuquerque, M. R.; Mendes, E. L.; Nascimento, F. R.; Amorim, P. R. S. Associação do sexo, rede de ensino e turno escolar com os níveis de intensidade das atividades diárias de crianças medidos por acelerometria. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 39(3) 217-328, jul-set, 2017.

Chauí, M. **Convite à filosofia.** 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.

Chan-Vianna, A. J.; Moura, D. L.; Mourão, L. Educação física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 149-166, dez. 2010.

Corsino, L. N.; Auad, D. **O professor diante das relações de gênero na educação física escolar**. Cortez Editora, São Paulo, 2012.

Daólio, J. **Educação Física e o Conceito de Cultura**. Campinas: Autores Associados, 2007

Delcastillo-Andrés, O. et al. Estudo observacional do sexismo na educação física do sul da Espanha. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 263-278, dez. 2015.

Fensterseifer, P. A contribuição da filosofia para a área de Educação Física e/ou ciências do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 17, p. 167-171, 1996.

Foucault, M. **“Os corpos dóceis”**. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a, p. 125-52.

Fraga, A. B. **Corpo, Identidade e Bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bemcomportada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Gil-Madrone, P. et al. As meninas também querem brincar: a participação conjunta de meninos e meninas em atividades físicas não organizadas no contexto escolar. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 103-124, out. 2013.

Goellner, S. V. **A produção cultural do corpo**. In: Louro, G.; F., J.; Goellner, S. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

González-Palomares, A.; Altmann, H.; Rey-Cao, A. Estereótipos de gênero nas imagens dos livros didáticos de Educação Física do Brasil. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 219-232, fev. 2015.

Le Breton, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

- Manoel, E.; Carvalho, Y. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica . **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 2, p. 389-406, 1 ago. 2011.
- Mattos, M. Z.; Jaeger, A. A. Bullying e as relações de gênero presentes na escola. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 349-361, fev. 2015.
- Mauss, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Casac & Naify, 2003.
- Meyer D. Educação, saúde e re-produção de diferenças e desigualdades de gênero: problematizando representações de mulheres e mães em políticas sociais. In: **V ANPEd Sul – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**; 2004 abr 27-30; Curitiba (PR),Brasil. Curitiba (PR): ANPEd, 2004.12p.
- Nader, M. B. A condição masculina na sociedade. Dimensões: **Revista de História da UFES**, Vitória, n. 14, p. 461-480, 2002.
- Oliveira, A. P. et al. Insatisfação com o peso e a massa corporal em estudantes do ensino fundamental e médio do sexo feminino no município do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 35, n. 1, set. 2012.
- Pedro, J, M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 8, 2015.
- Saffioti, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: Costa, A.O.; Bruschini, C. (Orgs.) **Uma Questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- Saraiva, M. do C. **Co-Educação Física e Esportes: Quando a diferença é mito**. Ijuí, Rio Grande do Sul, Editora Unijuí, 1999.
- Scott, J. **Gênero: uma categoria de análise histórica**. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

Scott, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

Silva, P.; Botelho-Gomes, P.; Goellner, S. V. Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo, v. 22, n. 3, jul./ago. 2008.

Soares, C. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas: Autores Associados, 1998.

Stoller R. **Sex and gender: the development of masculinity and femininity**. New York: Science House; 1968.

Tinôco, R. G. et al. Resenha do livro gênero, masculinidades e diversidade: educação física, esporte e identidades masculinas. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 671-676, dez. 2015.

Torrão Filho, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 24, p. 127-152, jan./jun. 2005.

Uchoga, L. A. R.; Altmann, H. Práticas corporais e relações de gênero: meninas e meninos juntos ou separados? In: II simpósio internacional de educação sexual - Gênero, Direitos e Diversidade sexual: trajetórias escolares, 2011, Maringá-PR. II SIES, 2011.

Uchoga, L. A. R.; Altmann, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 38, n. 2, jun. 2016.